



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NATALIA MENDES NUNES**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-576

**Entrevistada:** Natália Mendes Nunes

**Nascimento:** 26/01/1989

**Local da entrevista:** ESEF-UFRGS Porto Alegre

**Entrevistadora:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Data da entrevista:** 06/07/2015

**Transcrição:** Luiza Loy Bertoli

**Copidesque:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Pesquisa:** Claudia Yaneth Martínez Mina

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 28 minutos e 40 segundos.

**Páginas Digitadas:** 16 páginas.

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte; Incentivo familiar; Esporte na escola; Competições; Experiência em escolinhas; Experiência em clubes; Motivação; Esporte universitário; Inserção no futsal universitário com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Significados da prática esportiva; Voleibol e a prática; futsal e a prática; Atuação como treinadora de voleibol; relação entre mulheres e futebol.

Porto Alegre, 06 de julho de 2015. Entrevista com Natalia Mendes Nunes a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Muito obrigada Naná por fazer essa entrevista, para falar sobre a tua história de vida dentro do esporte. Eu gostaria de começar perguntando, como você começou a jogar futebol ou futsal? Quais são as lembranças sobre a primeira vez que bateu uma bola?

N.N. – Desde pequena eu jogo. Como eu tenho irmão da mesma idade, eu fui um pouco influenciada por ele, desde pequena eu jogava e comecei a jogar um pouco mais sério na escola, lá em Alegrete<sup>1</sup> no meu colégio. Eu comecei a fazer escolinha na AABB<sup>2</sup> lá em Alegrete com os meninos, na mesma turma que os meninos porque não tinha feminino. E eu sempre gostei desde pequena, até antes de conseguir jogar, eu brincava com meu pai de futebol, de chutar, enfim, sempre foi uma brincadeira... Nunca fui muito das bonecas [RISO], sempre gostei mais da bola.

C.M. – E você jogava com seu irmão em qual espaço?

N.N. – Em casa, desde o apartamento, uma sala, até a garagem da casa do meu pai ou em casa mesmo, qualquer espaço que tinha.

C.M. – E também jogava com outros meninos?

N.N. – Sim. Meus primos também, da mesma idade, a gente jogava. E quando eu comecei a jogar mais sério, na escola era com meninas, mas nesse clube na AABB eu jogava com meninos, era uma escolinha masculina.

C.M. – Alguém da família não gostava que você jogasse futebol?

N.N. – Não, nunca. Meu pai me incentivava, minha mãe nunca falou nada.

---

<sup>1</sup> Alegrete é um município do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Associação Atlética do Banco do Brasil.

C.M. – De que jeito seu pai incentivava a você para jogar?

N.N. – Jogando junto, brincando. Nunca ganhei bola na verdade, sempre jogava com a bola do meu irmão, mas quando estava em casa a gente brincava jogando bola, me levava aos jogos também.

C.M. – Naquela época você jogava só futebol como seu esporte preferido ou tinha outros esportes que também...

N.N. – No começo só futebol, foi o meu primeiro esporte. Depois é que vieram outros, mas até os onze anos era só futebol mesmo.

C.M. – Você estudou numa escola pública ou particular?

N.N. – Particular.

C.M. – E nessa escola você também jogava futsal ou futebol?

N.N. – Sim, jogava futsal.

C.M. – E como foi essa experiência dentro da escola?

N.N. – Foi a primeira experiência que eu tive mais séria de jogar futsal. Tinha escolinha feminina, eu conseguia jogar com outras meninas, e era onde eu tinha maior vivência do esporte assim, como um todo, não só da brincadeira.

C.M. – Vocês participavam de competições?

N.N. – Sim. A gente jogava competição no Municipal lá em Alegrete, eu me lembro assim.

C.M. – E alguma outra?

N.N. – Acho que não. Não lembro exatamente muito, mas era só o municipal que a gente jogava no ginásio lá da cidade.

C.M. – E alguma vez ganharam?

N.N. – Acho que não, não me lembro, sinceramente eu não me lembro, mas acho que não.

C.M. – E dentro da escola nas aulas de Educação Física você também jogava futsal?

N.N. – Não, Educação Física era... É, também, mas era mais aberto. Eram divididos meninos das meninas, mas era mais aberto. A gente via todos os esportes, mas também futsal.

C.M. – E porque dividiam?

N.N. – Bah, aí eu não sei.

C.M. – Mas eles não falavam nada?

N.N. – Não falavam, só dividiam.

C.M. – Faziam os mesmos esportes?

N.N. – Sim, a gente fazia os mesmos. Não eram em todas as séries, começou a dividir só no início, depois mais pela quinta série, eu acho, foi que começou a funcionar junto.

C.M. – Além das aulas de Educação Física tinha outros espaços onde você jogava futsal, no recreio...?

N.N. – Não, não acostumava jogar muito no recreio, só mais nas aulas e na escolinha, que era num horário diferente das aulas, na tarde. Mas eu não acostumava jogar no recreio.

C.M. – Como foi essa experiência de jogar futsal na escola?

N.N. – Para mim foi o início de tudo, se eu não jogasse lá talvez não estivesse jogando agora. Eu tinha um professor que ele incentivava bastante tanto os meninos quanto as meninas, então, lá é que eu tive o começo da experiência que eu peguei o gosto pelo esporte foi nessa escola.

C.M. – Você acha que essa escola incentivava a prática de futsal nas meninas?

N.N. – Sim, sim. A gente tinha um time, várias meninas participavam. Bastante incentivo, sim.

C.M. – Me conta sobre essa escolinha, porque você ingressou na escolinha de futsal?

N.N. – Porque eu gostava de jogar, desde cedo, desde criança eu gostava. Quando eu troquei de escola e nessa escola nova tinha escolinha, então eu comecei a fazer. E também já fui para outro clube também para jogar também, mas nesse clube era futebol não era futsal.

C.M. – E essa escolinha era só para meninas?

N.N. – Na escola era sim.

C.M. – E como eram os treinos?

N.N. – Eu lembro que a gente não tinha muitas meninas, sempre era menos gente, mas era legal. A gente conseguia trabalhar bastante, começar desde o início técnica depois a tática.

C.M. – E também eram meninos ou só meninas?

N.N. – Só meninas.

C.M. – E lembra mais ou menos quantas meninas?

N.N. – A gente tinha uma meia de umas oito a dez. Não tinha muita gente, mas a gente matinha umas oito nos treinos.

C.M. – Depois de você fazer parte dessa escolinha da escola, você ingressou a um clube?

N.N. – Isso. Eu jogava no clube, que era futebol, não era futsal, era junto com meninos, eu não jogava competição só fazia parte dos treinamentos.

C.M. – E também tinha outras meninas?

N.N. – Não, era só eu. Não me lembro de mais. Era só eu.

C.M. – E lembra como foi essa experiência de treinar só com meninos?

N.N. – Ah, era diferente da escola, mas eu lembro que não fazia muita diferença. Eu era como se eu fosse um menino ali: jogava normal, participava, não tinha muito preconceito por parte nem dos meninos nem do professor, nada, era super tranquilo.

C.M. – Qual era o nome do clube?

N.N. – AABB.

C.M.- E com esse clube você só treinou, não fez competição?

N.N. – Não. Não competia, porque não tinha competição feminina, era só masculina. Então eu não competia.

C.M. – Nessa época, qual era o principal motivo pelo qual você estava na escolinha, treinava no time da escola, estava num clube....?

N.N. – Eu gostava bastante. Meu irmão jogava nessa escolinha. Como eu tinha mais ou menos a mesma idade eu via que eles jogavam, e eu quis participar também. Minha mãe foi lá e me colocou, junto com a escola, por gostar do esporte, jogava nos dois lugares.



C.M. – Alegrete não tinha escolinha de futebol só para meninas?

N.N. – Escolinha não, só tinha da escola, mas uma escola de futsal, acho que não.

C.M. – Para meninos sim?

N.N. – [Pausa para pensar]. Falar que tinha. Agora lembrei do professor [TRECHO INAUDIVEL]... que a gente não pára para pensar, mas eu me lembro que eu jogava numa escolinha para meninos também, o professor Larré<sup>3</sup> também não tinha para meninas, eu jogava junto com meu irmão, então tinha escolinha para os meninos e não tinha feminino, é isso aí.

C.M. – Depois você fez o ensino médio nessa mesma escola?

N.N. – Não, no ensino médio eu vim para Porto Alegre.

C.M. – E aí você continuou jogando?

N.N. – Aí eu continuei jogando, jogava daí num clube perto da minha casa na ACM<sup>4</sup>, na escola eu não cheguei a jogar aqui.

C.M. – De futebol ou futsal?

N.N. – Era um clube para todos os esportes.

C.M. – E você praticava vários esportes aí?

N.N. – Sim, aí sim. Lá em Alegrete eu comecei a jogar vôlei, daí quando eu vim para cá, eu deixei um pouco o futsal de lado e jogava mais vôlei. Mas daí é quando eu vim a jogar futsal e vôlei só que com mais importância assim para o vôlei.

---

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação. A entrevistada não tem mais informação relacionada com o professor.

C.M. – Em quais competições de vôlei você participou?

N.N. – A gente participa do Municipal aqui de Porto Alegre, é uma competição que a ACM tem em todos os lugares do Brasil, aí tem uma competição de todas as ACMs do Brasil que é o JABS, Jogos Acemistas Brasileiros e nessa competição eu jogava vôlei, futsal, tinha todo o ano, a gente viajava para jogar vôlei e futsal jogava.

C.M. – E você porque começou a jogar vôlei?

N.N. – Comecei lá em Alegrete ainda, por puro interesse. Eu gostava. A professora era minha professora na escola, era da Educação Física e dava aula de vôlei. Aí ela me convidou para jogar, meio ano antes de eu vir para cá na verdade. Eu joguei meio ano lá e gostei, aprendi rápido e quando eu vim para cá, eu comecei a dar talvez mais importância para o vôlei, mas eu sempre joguei futsal.

C.M. – Você lembra em que ano chegou aqui?

N.N. – 2003.

C.M. – E quando você começou a jogar vôlei percebeu alguma diferença com o futsal, além de ser esportes diferentes, mas alguma diferença maior entre praticar um esporte e outro?

N.N. – Acho que a maior diferença que eu vejo até agora é o número de praticantes. No vôlei, a gente via que em todos os campeonatos tinham mais times, as escolinhas tinham mais gente participando, as pessoas que participavam davam importância, talvez de futsal aí tinha menos e aquelas meninas que, ou que jogavam vôlei e jogar futsal também em segundo plano, ou jogavam outro esporte. Jogar futsal, não era tão “ah é o meu esporte o futsal”. Acho que além de menos pessoas, menos número de praticantes, no geral, tinha essa coisa das meninas não terem o esporte delas como o futsal. Lá no clube que eu jogava era normal praticar vários esportes, aí acabava jogando handebol mas jogava futsal

---

<sup>4</sup> Associações Cristãs de Moços.

também, mais ou menos assim. Poucas eram aquelas que eram do futsal “o meu esporte é o futsal”, essa é a diferença que eu vi.

C.M. – Alguma vez você pensou em ser esportista profissional?

N.N. – De vôlei sim. De futsal não.

C.M. – E em algum momento deixou de pensar nisso?

N.N. – Sim. Quanto ao vôlei, eu fiz um teste na SOGIPA<sup>5</sup>, que é um clube grande aqui de vôlei. Passei no teste joguei, joguei por seis meses e nasceu o sonho de jogar. Mas logo eu fui cortada, tinham tirado das equipes. E fui convidada a treinar nas escolinhas da SOGIPA, mas eu não quis ir nessas escolinhas e voltei para jogar na ACM e ali eu vi que não ia dar muito certo [RISO].

C.M. – E o futsal porque não foi um sonho?

N.N. – Ah eu acho, justamente por talvez não ter um time que... Não vou ter um lugar em que eu faça um teste. Eu jogava futsal na ACM e não tinha aquilo: “Ah, eu quero jogar em tal lugar”, porque eu não conhecia nenhum time grande de futsal feminino, e no vôlei sim. “Eu quero jogar na SOGIPA, que não sei que” e no futsal a gente naquela época não via, talvez por estar num lugar que não era muito divulgado ou a gente conhecer vários times maiores de futsal. Mas naquela época a gente não tinha aquele sonho: “Vou jogar em tal lugar” eu não conhecia pelo menos.

C.M. – Você jogou futebol e futsal?

N.N. – Futsal só, futebol lá bem no início.

C.M. – Só treinou?

N.N. – É.

C.M. – E não ensino médio como foi a experiência com o futsal?

N.N. – Já era um pouco mais sério que quando mais nova. Eu lembro que a gente jogava na ACM, a gente viajava para jogar, jogava no Municipal. O esporte em si já era mais sério, questões táticas, questões técnicas, acho que essa é a diferença de quando era mais nova.

C.M. – E participou em competições no ensino médio?

N.N. – Sim, não na escola, no clube. O Municipal e as competições internas da ACM do Brasil inteiro.

C.M. – Com a escola não?

N.N. – Não, com a escola não joguei, com a escola aqui de Porto Alegre eu não joguei futsal, nem tinha escolinha para te falar verdade, não tinha nem escola de futsal, nem de vôlei, não tinha nada, não tinha escolinhas, se não eu ia estar. Se tivesse eu ia estar, mas não tinha escolinhas de esportes.

C.M. – E como eram as aulas de Educação Física?

N.N. – Ah, era mais livre aqui, aquilo que o professor dá a bola e.... Eu acabava indo para o vôlei com as gurias, e os gurus ficavam no futsal, não jogava muito com os meninos no ensino médio. Como eu já estava mais no vôlei, já jogava mais vôlei com as gurias.

C.M. – Em que momento você retomou o futsal?

N.N. – Quando eu fui para o SOGIPA e não deu muito certo lá, eu comecei a jogar.... Comecei não, eu nunca parei de jogar futsal, mas eu deixei o vôlei um pouco de lado e retornei mais para o futsal.

---

<sup>5</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

C.M. – E você começou a treinar aí em algum time?

N.N. – Não, sempre na ACM, eu comecei a jogar um pouco mais sério quando vim para a faculdade.

C.M. – Na UFRGS<sup>6</sup>?

N.N. – Na UFGRS.

C.M. – Você como conheceu o time da UFRGS?

N.N. – Foi quando entrei na faculdade em 2008, a “Su<sup>7</sup>” Suellen, que era a minha colega na faculdade já jogava no time, que ela entrou antes a pouco da faculdade. E ela me falou e tal e eu... Foi através dela.

C.M. – E você chegou esse dia para treinar e teve que falar com alguma pessoa? Como foi?

N.N. – Sim, teve a peneira, mas eu não participei na peneira na época, porque eu acho que eu perdi o final de semana eu lembro. E a Su me apresentou para treinador que era o Gelsius<sup>8</sup> na época em 2008, e ele me convidou para treinar e foi um teste que eu pude entrar no time.

C.M. – E nessa época, qual foi o principal motivo de você começar a treinar pela UFRGS?

N.N. – Eu sempre gostei de praticar esportes. Desde pequena, nunca deixei de fazer esporte. E foi esse o motivo. Aqui era o esporte mais organizado, o futsal, até agora é. Sempre gostei de basquete, vôlei, mas na época eu fui para o futsal, porque era o time mais organizado que tinha.

C.M. – E por que você acha que era o mais organizado?

---

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Suellen dos Santos Ramos.

N.N. – Porque tinha comissão técnica, horários de treino e o vôlei não tinha muito, basquete também não, então tinham mais meninas também participando, maior quantidade de participantes. Até hoje eu vejo.

C.M. – Como tem sido essa experiência dentro do time?

N.N. – No geral?! Está sendo meia boa. Até jogo há bastante tempo, passei por várias fases. Já saí do time, um ano, já voltei. Então meio que acompanha as fases da minha vida. Às vezes eu não estava muito interessada e saía. Depois sentia necessidade de jogar, joguei um pouco menos sério, compromissada. Depois eu fui voltando a... Foi voltando a ser um compromisso para mim. Esse ano, eu achei que eu estaria por só participar, e no fim estou jogando mais sério do que nunca.

C.M. – Por que você parou de treinar um ano?

N.N. – Foi um ano... Nem lembro quando é que foi. [Pausa para pensar] Mas eu lembro que estava um pouco desmotivada, não estava gostando dos treinos. Eu vinha só por jogar. Não estava nem querendo mais competir, daí eu: “Eu vou sair porque já não estava numa fase muito boa”. Ficava só na reserva, não entrava muito... “Não é muito que eu quero”, saí, fiquei um tempo fora. Foi bom, depois quando eu voltei, eu voltei querendo jogar mesmo.

C.M. – O que significa para você, ser parte do time da UFRGS?

N.N. – Nos últimos tempos a gente tem um orgulho de participar de competições. É mais esse orgulho de poder representar a Universidade. Acho que quem só estuda aqui não tem tanto esse orgulho de ser da UFRGS como a gente que sai para representar em outras competições, a gente cria mais uma identidade com a Universidade. Eu acho mais isso. Todas ali, eu vejo que no futsal é diferente. A gente criou um grupo que vem pessoas, sai pessoas e seguimos com a mesma identidade de orgulho e representar a Universidade.

C.M. – Agora qual é a sua motivação para continuar fazendo parte do time?

---

<sup>8</sup> Gelsius Vieira.

N.N. – Agora são as competições. Ganhar as competições, fazer um bom trabalho, não só ganhar, mas... Agora a gente ficou em segundo lugar, mas sentir que foi um trabalho bem feito, no qual trabalhamos o semestre inteiro pensando nesse objetivo, chegamos lá, conseguimos colocar em praticar. Acho que o que mais motiva agora é representar bem a Universidade em todas as competições e criar, continuar com esse grupo forte que temos, tanto fora de quadra, quanto dentro.

C.M. – Como a Universidade apoia o time da UFRGS?

N.N. – Acho que no meu ver é bastante apoiado. A gente vê algumas dificuldades quando vamos às competições, a gente tem que escolher a alimentação que a gente recebe ou o transporte. Mas no geral, eu acho que apoia bastante. A gente tem os horários no ginásio que são mantidos. Desde que eu entrei que são mantidos três horários da semana que é nos disponibilizados. Quando eles incentivam pagando as inscrições nos campeonatos que não são baratas. Eu acho que a medida do possível, eles conseguem apoiar bastante. Eu não tenho do que reclamar, sinceramente.

C.M. – Em geral, o que significa para você, como mulher, praticar futsal?

N.N. – Para ver, hoje eu não consigo ficar sem jogar. Agora comecei a trabalhar em outro lugar que eu teria que parar de treinar, consegui arrumar meus horários, justamente para conseguir treinar. Então, eu acho que já parei de treinar muito tempo por causa de trabalho, mas hoje eu não consigo. Tive que arrumar os horários para treinar. Eu acho que é um momento de relaxamento da semana, de trabalho, trabalho. Acho que para mim é bastante importante manter, para fazer o que eu gosto. É o que eu gosto de fazer, é o que me diverte. Até quando é mais sério, eu gosto, eu sinto falta. Eu deixei de treinar por um ano, não saí do time, mas deixei de treinar alguns dias e eu sentia essa necessidade de jogar. Eu acho que é mais um... Para dar uma “desafogada” da semana, é o que eu gosto de fazer. E eu não vejo... Como eu joguei desde pequena, o fato de ser mulher e jogar, para mim não faz diferença, para mim é normal. Onde eu convivo também as gurias jogam, então para mim é normal, não é nada de diferente. Talvez para as outras pessoas seja, mas para mim não.

C.M. – Você ainda joga vôlei?

N.N. – Hoje eu não jogo mais. Só dou aula de vôlei, só trabalho.

C.M. – Foi difícil deixar de jogar vôlei?

N.N. – Foi. Foi uma coisa que eu gosto bastante. Até o ano passado eu fiz um time com as amigas para jogar, mas se eu pudesse escolher, teria um grupo para jogar vôlei. Mas como eu não tenho esse grupo... Não deixaria de jogar futsal nunca. Mas é uma coisa que eu gosto de fazer também, que a vida foi levando e que hoje eu estou mais inserida em um grupo de futsal em não estou inserida em um grupo de vôlei, mas tanto agora, essa necessidade de jogar, eu dou uma saciada no trabalho, consigo jogar com as gurias. Mas sinto falta de jogar competições.

C.M. – Você trabalha como técnica de vôlei?

N.N. – Sim.

C.M. – E como é essa experiência?

N.N. – É bem legal. Comecei como auxiliar técnica e aprendi bastante coisa e hoje faz um ano que eu assumi como técnica dos times. E é bem legal, é questão de exercer, ser professor, exercer a ação de professor de ensinar. Os times que eu treino são crianças e adolescentes. Então essa coisa de ser uma referência para as crianças no esporte. Eu acho que o esporte treinar vôlei, futsal, educa bastante. Então, ser essa referência e passar minha experiência tanto com o futsal como com o vôlei, para esses adolescentes, eu acho importante.

C.M. – E você alguma vez treinou um time de futsal?



N.N. – Eu já trabalhei em escolinhas de futsal, mas nada sério. Dei aula em um condomínio, dei aula no colégio Aplicação, mas não eram equipes, eram só escolinhas mesmo, de crianças até oito anos.

C.M. – Meninos ou meninas?

N.N. – No colégio eram meninos e meninas. No condomínio eram só meninos. Mas não fui técnica, fui só professora nas escolinhas mesmo.

C.M. – E como foi essa experiência?

N.N. – Foi legal também. Na escola que eu tinha mais alunos, as crianças jogavam, eram bases, bem bases. Não tinha muita tática, era só aprender a técnica. Mas era bem legal. Agora lembrei, tinha outra turminha que era um pouquinho mais velhos, só meninos também, mas nessa idade a gente já via uma diferença dos meninos em relação as meninas, que eu não senti quando eu joguei, mas eu percebi quando fui professora. Os meninos: “Não quero aquela menina no meu time” ou não...

C.M. – Qualidade?

N.N. – Qualidade também, sim. Mas hoje em dia, a gente vê meninas pequenas jogando com meninos, talvez por elas não terem qualidade aqui. É que eles não queriam no time, talvez elas jogassem bem e eles... Talvez não fosse nem o gênero que é por ser menina, talvez porque ela não jogue bem.

C.M. – Isso acontecia na turma dos mais velhos?

N.N. – Na turma dos mais velhos. Pequenos não.

C.M. – Pequenos não se percebia a diferença?

N.N. – É. Não, porque ali ninguém sabia jogar, então eles não tinham muito isso.

C.M. – Quantos anos?

N.N. – Os pequenos tinham seis e sete. Os maiores tinham oito e nove.

C.M. – E qual é a melhor coisa que o futsal, ou futebol, trouxe para a tua vida?

N.N. – Acho que o esporte como um todo. Mas mais o futsal, como eu pratiquei mais é questão de fazer atividade física. Hoje, para mim, eu não consigo ficar sem fazer uma atividade física. E também questão de grupo, eu acho que o futsal tem isso. Todos os times que eu passei os grupos eram bem fortes. Na ACM a gente tinha um grupo forte. Grupo não de jogar bem, mas o grupo forte em si, de formar amizades, de levar para frente, um ajudando o outro. Aqui também temos bastante disso, como eu falei antes, chega gente, sai gente, o grupo segue unido, então quer dizer que formamos um grupo que não são talvez as pessoas que fazem, porque as pessoas mudam e o grupo segue o mesmo, eu acho que já está instituído no grupo que vai ser assim e que quem chegar vai sempre ser bem recebido, e que quem sair vai deixar, a gente vai sentir falta. Eu acho que é mais isso que o esporte, o futsal, trouxe. Questão de grupo, questão de ajudar, de ser ajudado, de ouvir a pessoa, de saber falar também. Acho que é isso.

C.M. – Você acha que tem algum aspecto negativo dentro da sua experiência como praticante de futsal?

N.N. – Negativo?! [Pausa para pensar]. Acho que não, eu não vejo aspecto negativo.

C.M. – O que significava o futsal para você e o que significa agora?

N.N. – Para mim é isso, hoje eu não consigo não jogar. Arrumo toda a minha vida para folgar aquela horinha para vir aqui treinar. Então, hoje significa bastante coisa, é quando eu consigo dar uma relaxada, jogar um futebol, às vezes sério, às vezes mais brincando. Mas hoje significa bastante coisa. Mais um momento de relaxar. Mesmo que eu vá jogar uma competição, que eu fique numa adrenalina o tempo todo, eu vou ali e estou fazendo o que eu gosto, estou relaxando, estou fazendo o que me dá mais prazer.

C.M. – Pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal?

N.N. – Para mim é como eu disse: não tem muita diferença. Como eu vivo desde pequena nesse meio, entrei na faculdade, fui para esse meio do futsal feminino. Acho que talvez para pessoas que vejam de fora pensem: “Aqueles meninas jogam futsal”, para mim é tanto... Como eu tive a experiência de jogar o vôlei que teoricamente a gente vê como um esporte mais feminino do que o futsal, não senti diferença na questão de ser mulher jogando vôlei e o ser mulher jogando futsal. Me sinto bem jogando as duas coisas. Nunca sofri preconceito nenhum por jogar. Só aquelas questões de ter mais praticantes de vôlei, mas hoje em dia acho que já não é tanto, acho que já se equivalem. Mas eu me sinto bem, fazendo uma coisa normal para mim. Não me vejo fazendo uma coisa diferente, não me sinto diferente por jogar futsal e ser mulher.

C.M. – Alguma vez você jogou numa competição estadual que tem aqui no Rio Grande do Sul?

N.N. – O estadual?

C.M. – É.

N.N. – Não, nunca joguei.

C.M. – Mais alguma coisa que você queira me contar, relacionado com a sua experiência pessoal com o futsal ou o futebol?

N.N. – Acho que não.

C.M. – Então muito obrigada Naná, por aceitar a entrevista.

N.N. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]